

Coluna do Castello

Capital de Sarney no jogo da sucessão

A pesar das carências administrativas do seu governo, o presidente José Sarney apresenta-se com maior cacife político do que seria de esperar nesta etapa inicial da sua sucessão. Seus amigos disputam a indicação do candidato no PMDB e no PFL, o ministro Íris Resende e o ex-ministro Aureliano Chaves, e ainda dispõem de alternativa extrapartidária na possível candidatura de Jânio Quadros. Para quem é apontado à execração pública pelos principais chefes de partidos e pela maioria dos governadores, não é nada negligenciável o capital de giro exibido a esta altura pelo chefe do governo. Seus candidatos podem vencer tanto no PMDB como no PFL, mas em ambos há de se reconhecer que se trata apenas de preliminar. O jogo principal acontecerá depois e para esse jogo o presidente também dispõe de fichas suficientes para nele influir. Os 38% com que parte para a luta no PMDB e o favoritismo que seus adeptos exibem no PFL dão idéia do poder de barganha do Palácio do Planalto na armação definitiva da sucessão presidencial da República.



Apesar da união recente de ulyssistas e progressistas, o PMDB na verdade chega à sua convenção com três correntes na caça de votos: os governistas reunidos em torno de Íris Resende, a oposição radical apoiando Waldir Pires e o que se poderia chamar de independentes, congregados em torno do presidente do partido, Ulysses Guimarães. Tal colocação já dilui um pouco o oposicionismo que reuniu num pacto Ulysses e os governadores anti-Sarney, pois o deputado já não tem tantas obrigações de levantar a bandeira da guerra total desde que foi posto de lado pelo Novo PMDB e por Waldir e seus parceiros. O governador da Bahia, se ganhar, terá consigo o partido purificado ou expurgado de quantos colaboram com Sarney ou não aceitam a postura de combate ao presidente da República nos termos em que ele a define. Sarney, com essa massa de renegados, terá material com que negociar uma composição de centro em torno do candidato que tiver melhor perfil.

A sucessão não se arma obviamente tendo Sarney como personagem principal. Não se trata mais do presente, mas do futuro. A quase metade do PMDB, a metade do PFL e o janismo podem se compor para enfrentar os adversários da esquerda e tentar suprimir à direita a candidatura galopante do governador Fernando Collor. O nome que está nas cogitações de alguns ministros, embora se procure estimular o ministro Íris Resende, é o do ex-prefeito Jânio Quadros. Delfim Neto, advertido do quadro atual, já mandou aviso a Jânio de que "tem raposa no nosso galinheiro". A raposa é Collor de Mello que, para o ex-ministro da Fazenda, está usando o mesmo discurso que deu a Jânio a vitória em 1960. A esquerda é da oposição, como se sabe. O centro está em vias de compor-se. Se não o fizer sob a inspiração dos seus grupos dirigentes, a alternativa estará à direita e à vista na pessoa do governador de Alagoas.